

não prossegue ou persegue o seu desígnio de modo independente, mas ele o prossegue e o persegue na história e com a história dos homens.

4.2 O segundo significado é que a simbolização da nova criação por uma cidade e não por um jardim, é a afirmação de que não assistimos a um regresso à origem. Não se trata de uma volta ao paraíso, de um retorno ao jardim de onde um dia o homem saiu. Trata-se da posse de um futuro novo, absoluto, preparado por Deus para a felicidade humana. Na prática, isso significa que não devemos viver sonhando com um passado que já se foi, por mais belo e extraordinário que possa ter sido; nem viver lamentando ou chorando um presente diante do qual parecemos impotentes. Devemos, isso sim, caminhar confiantes no futuro que temo pela frente e que é dom de Deus para nós. O cristão não é chamado a viver de saudade, mas de esperança. A saudade tem o seu olhar voltado para o passado - como a mulher de Ló - e vive das recordações das panelas de carne do Egito. A esperança tem o seu olhar cravado no futuro - como Abraão - e vive na certeza de uma nova Canaã.

Deus não nos convida a voltarmos ao jardim mas sim, em seu nome, desafia-nos a tomar posse da nova cidade.

4.3 O terceiro significado é que ao fazer da cidade o símbolo da nova criação, Deus está elevando à perfeição a obra que o homem pretendeu

realizar, isto é, a nova Jerusalém é a cidade perfeita como nenhuma cidade humana jamais pode ser.

Dessa forma, Deus realiza na Jerusalém Celeste o que foi sempre o sonho e a busca do homem: criar o lugar da verdadeira comunidade; criar o espaço da tão desejada comunidade.

### CONCLUSÃO

Terminamos este nosso estudo com mais uma observação: é interessante notar que, tanto no jardim como na cidade, a árvore da vida é o símbolo sempre presente. Ela está lá no centro do Éden e está lá no centro da praça da Nova Jerusalém. Com uma diferença fundamental nesta mudança de cenário, do jardim para a cidade: no jardim, ela se tornou inacessível (Gn 3.22-24); na cidade, ela não está guardada, nem é inacessível.

No centro da praça produz fruto para a saúde das nações. É a grande dádiva de Deus para alimentar, por todo o sempre, a sua criação agora salva e reconciliada.

Palestra proferida na V Semana Teológica Ecumênica pelo Rev. Pastor. Abival Pires da Silveira da Igreja Presbiteriana Independente. Endereço do autor: Rua Nestor Pestana, 136, São Paulo, SP.

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO URBANA

Rev. Rolf Schunemann

As reflexões bíblico-teológico-pastorais anteriores deixaram claro que as Igrejas cristãs históricas estão descobrindo o desafio da urbanização em meio a muitas perplexidades. Diante das mudanças nas relações sociais e culturais, suas atividades pastorais entraram em crise. A perplexidade gera ansiedade. A ansiedade leva ao ativismo. O ativismo conduz à afobação. Da afobação nasce a improvisação. A improvisação leva à frustração. A frustração desencadeia o desânimo. O desânimo desperta a impotência. A impotência aumenta a perplexidade.

Este círculo vicioso pode ser experimentado de várias maneiras. Acontece que nas atividades eclesiais impera muitas vezes um *laissez-faire/laissez-passer* pastoral. Diante da ausência de perspectivas a curto e médio prazo, faz-se de tudo um pouco, levando a uma pulveriza-

ção das atividades. De forma descoordenada e atomizada comunidades/paróquias/Igrejas, acossadas pela urbanização, se defendem como podem e buscam alternativas de sobrevivência<sup>1</sup>. Mas será que se trata de uma questão de sobrevivência? Não está em jogo muito mais do que simplesmente a questão da continuidade institucional? Uma continuidade a ser disputada no terreno do acirrado mercado religioso? Ou não será a questão da urbanização uma possibilidade colocada para comunidades/paróquias/Igrejas, de reverem sua relação de uma para com as outras? Não será uma oportunidade para encarar, de maneira humilde, a impossibilidade de afirmar hegemonias religiosas a partir do Evangelho?

Nesta abordagem procurar-se-á apresentar algumas reflexões acerca de caminhos possíveis a serem trilhados pelas Igrejas, tanto para favore-

<sup>1</sup> Cleto CALIMAN. "A Evangelização na Cidade Hoje. Algumas reflexões pedagógico-pastorais". In: Alberto ANTONIAZZI e Cleto CALIMAN. *A Presença da Igreja na Cidade*. Vozes, Petrópolis 1994, p. 105s aponta alguns vícios mais comuns na pastoral: a) visão funcionalista: cada setor se articula isoladamente, conforme as suas necessidades, desde que funcione; b) pastoral de resultados: não se discute método, pedagogia, etc; c) individualismo pastoral: cada um é "dono da bola"; d) centralismo pastoral: não existem diferenças e tudo gira em torno de um núcleo forte que articula tudo.

cer uma análise quanto para a indicação de critérios norteadores de posturas novas.

Um primeiro aspecto a ser considerado na pastoral refere-se ao caráter irrenunciável da práxis, enquanto espaço gestador do novo. A práxis cristã é o *locus* teológico<sup>2</sup>. Em meio à prática comunitária e em meio ao povo de Deus, o Espírito quer falar e fala.

*“Não extingais o Espírito! Não desprezeis as profecias! Submetei todas as coisas ao discernimento; ficai com o que é bom; afastai-vos de qualquer espécie de mal”* (ITs 5,19-22).

*“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação de vossa mente a fim de discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito”* (Rm 12,2).

Discernimento, eis o que compete ao povo de Deus que vive a sua fé nas cidades/metrópoles. O discerni-

mento da vontade de Deus acontece em meio à ação. “É preciso buscá-la no meio dos sinais que se encontram no mundo. Mas nunca aí está, pré-fabricada”<sup>3</sup>. Na busca e no encontro da vontade de Deus espelha-se uma profunda esperança. Mostra-se que a história não está fechada e que Deus coloca o seu povo em novas situações e novas realidades a serem transformadas.

O discernimento distingue-se do oportunismo e do pragmatismo<sup>4</sup> porque recusa o critério da vitória fácil. Não se trata simplesmente de escolher aquilo que favorece em função das vantagens que proporciona. Representa antes a *theologia crucis*, ou seja, o ponto de vista daquele que sabe que, para ganhar verdadeiramente, é preciso saber perder.

A busca por dinamicidade alimenta-se no dito paulino de que “*O Evangelho é o poder (dynamis) de Deus para todo o que crê*” (Rm 1,8) Esta

*dynamis* insere-se na fraqueza do escândalo da cruz que retrata o esvaziamento, a encarnação, a inculturação de Jesus Cristo em favor da humanidade. A Igreja que persegue dinamismo não o faz por causa da velocidade que caracteriza os grandes centros urbanos, mas o faz porque depende e vive da capacidade (outro termo usável para *dynamis*)<sup>5</sup> e da força que vem de seu Senhor e Mestre, que “*subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus, antes a si mesmo se esvaziou assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz*” (Fl 2,6-8).

Assim, a Igreja que aspira caminhar nos passos de seu Senhor, há de assumir uma postura kenótica segundo o hino cristológico de Fl 2,6-11. A encarnação na realidade, portanto, faz parte de sua práxis. Ela abandona o triunfalismo e solidariamente escuta, observa e sente o que Deus lhe tem a dizer no contexto das metrópoles. Significa assumir, enquanto povo de Deus, a cidade como espaço evangelizador. Significa olhar atentamente para o jeito de Deus se revelar. Para a sua atuação nas cidades/metrópoles isso significa a formação de uma *consciência urbana de pastoral*<sup>6</sup>.

Além de abandonar o saudosismo do campo, torna-se fundamental superar o senso comum. A investiga-

<sup>2</sup> A IGREJA NA GRANDE CIDADE. Um estudo das instituições, serviços e experiências eclesiais em áreas urbanas do Rio de Janeiro. Projeto de pesquisa proposto pelo Departamento de Teologia - PUC/RJ, julho 1982, 24ss.

<sup>3</sup> José COMBLIN. O Tempo da Ação. Ensaio sobre o Espírito e a História. Vozes, Petrópolis 1982, p. 355.

<sup>4</sup> Veja a crítica de Samuel ESCOBAR. Formación del Pueblo de Dios en las Grandes Urbes. In: Boletín Teológico. Revista de la Fraternidad Teológica Latino-Americana, n° 7, jul.-set. 1982: “(...) o fenômeno urbano é somente cenário dentro do qual se realiza a evangelização. O homem urbano precisa ser entendido melhor para poder ser evangelizado, porque ali está a sua necessidade mais urgente. (p. 51); (...) o impulso evangelizador pode empurrar-nos, às vezes, na direção de entender e tratar aos homens mais como objetos de nossa ação que como sujeitos a quem Deus ama e chama (p. 73)”.

<sup>5</sup> O termo “δύναμις” na teologia paulina procura mostrar que a força, a capacidade se alimentam da força do Espírito. “Δύναμις” e “pneuma” são termos paralelos. A “δύναμις” de Cristo e a “δύναμις” do apóstolo desdobram-se no serviço. O apóstolo vive da força que vem do Espírito, ou seja, o modo pelo qual Cristo ressurreto e glorificado está atuando no mundo. Neste sentido a fraqueza de Paulo torna-se modelar para o seu ministério: I Co 2.1-5; II Co 12.9-10 e 13.4. Ver sobre o termo “dynamis”: Walter GRUNDMANN. “Δύναμις”. in: Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II, Stuttgart 1954, p. 286-318.

<sup>6</sup> “(...) a Igreja deve ver a cidade como objeto do amor de Deus e sujeito de instrumentação de paz. Por ela, a Igreja deve atuar com responsabilidade. Responsabilidade amorosa e participativa. Amorosa, porque se aproxima para se doar e não a buscar, se aproxima da cidade pensando no benefício, na paz de Deus que ela deve dar-lhe como sinal do reino: dar-se a todo nível, individual, familiar, comunitário (como Igreja local) e ainda organizacional ou denominacional. Sua motivação é o amor a Cristo, sua ação o serviço integral e sua metodologia é a encarnação. É a partir de dentro que cumpre sua função de preservar e transformar. A aproximação é participativa pois a Igreja se sabe una com a cidade. A paz da cidade é sua paz.” Rolando GUTIÉRREZ-CORTÉS. La Movilización de la Iglesia para la Misión en la Ciudad. In: Boletín Teológico. Revista de la Fraternidad Teológica Latinoamericana, Año 21, n° 33, marzo, 1989, p. 116.

ção, o conhecimento e a informação acerca do que, de fato, está acontecendo com as pessoas e com o seu meio, exigem uma postura de alguém que se aproxima de outras áreas do conhecimento que não as da teologia. Significa assumir o contexto com todas as suas implicações culturais. Para poder discernir é necessário, sobretudo, conhecer. Por isso, a encarnação pode ser traduzida por inculturação. Esta acontece quando a Igreja se aproxima o máximo possível da vida das pessoas e assume o seu contexto.

A cultura da modernidade, que marca as metrópoles, caracteriza-se por uma série de valores que não podem ser ignorados pela pastoral. Destaquem-se aí o pluralismo, a liberdade e o valor e a importância da experiência do indivíduo. Apesar de ambíguos, eles conformam o modo de vida moderno. Eis porque a inculturação tem também o seu lado crítico. A mensagem cristã não sublinha simplesmente o existente e torna-se um diferencial contestador, não se submetendo a sistemas aniquiladores de vida. A encarnação/inculturação não subscreve valores que não promovem a vida. Ao contrário, emite o seu juízo com base nos princípios evangélicos. Igualmente rechaça valores antigos, tais como o machismo, senso de justiça baseado na honra, obediência/subserviência baseada na autoridade hierárquica, etc. Neste sentido, a mensagem cristã torna-se

boa notícia, anunciando novas perspectivas e sinalizando a possibilidade de transformações.

Para as comunidades/paróquias/igrejas, torna-se importante o estudo do impacto que a nova realidade cultural exerce sobre as pessoas. Neste sentido a investigação, em especial a teologia pastoral, precisará desarmar-se de ferramentas obsoletas e/ou inadequadas. Estas foram forjadas para um outro contexto cultural e não dão conta da realidade das metrópoles brasileiras. A elaboração de planos de pastoral por especialistas, distantes da vida, somente faz com que estes planos permaneçam nas gavetas. Eles funcionam somente quando são fruto de um esforço coordenado dos diversos carismas presentes no meio do povo de Deus. Neste sentido a oposição teólogos(as) x pastores(as) torna-se supérflua. Carece-se de teólogos(as) pastoralistas ou pastoralistas teólogos(as). Ultimamente houve muito investimento para a formação de biblistas, historiadores(as) e sistemáticos enquanto a área pastoral se pulverizou em inúmeras especializações. Onde estão os grandes sistematizadores(as) da prática pastoral?

Ao elencar os desafios - que são incontáveis - as igrejas terão de fazer escolhas, ou seja, colocar prioridades. Com base nos seus recursos e em suas capacidades, procurarão desenvolver aquelas atividades que julgarem importantes para o testemunho

cristão na cidade, cónscias de que correspondem ao plano da nova Jerusalém. A priorização não conduz, necessariamente, à criação de atividades novas. A tentação de querer abarcar tudo leva à atomização. O sacrifício, a eliminação tornam-se inevitáveis, pois "se não quisermos sacrificar nada, é sinal de que não aceitamos prioridades".

A base da atuação cristã nas cidades é a presença de comunidades celebrativas como sinais de esperança, justiça e nova comunhão. A pregação e/ou estudo da Bíblia constituem elementos fundamentais para a formação de uma consciência cristã urbana. Em meio ao pluralismo religioso contemporâneo, todo e qualquer fiel é desafiado a dar razão da sua esperança. Está sendo confrontado com diversos sistemas de crenças e, ao testemunhar na prática diária os valores e princípios cristãos, necessita da retaguarda da comunidade. Espera-se hoje, nas cidades, que a fé passe pela experiência e vivência sob pena de perder a credibilidade. A comunidade celebrativa torna-se um referencial importante para essa nova consciência eclesial que encara o espaço urbano como o lugar em que Deus quer promover vida. O fomento de uma visão positiva, ainda que crítica, da cidade e das pessoas que nela vivem, depende dos impulsos que grupos e comunidades cristãs dão a partir da Palavra de Deus.

Agora, esta vivência comunitária e esta nova relação de fé e vida, que tem a realidade metropolitana como espaço vivencial, precisará incentivar, aprofundar e alastrar o movimento bíblico que foi tão decisivo para a renovação da pastoral latino-americana. A leitura bíblica, inserida no dia-a-dia das comunidades/Igrejas, além de propiciar a partilha das experiências de vida das pessoas, também permite a expressão de sua fé na forma de cantos e orações. Outrossim, torna-se importante o esforço por conseguir introduzir na linguagem e na comunicação da Palavra de Deus uma terminologia que considere o meio de vida urbano.

O movimento bíblico e a vivência comunitária tem como desdobramento a formação e a vocação de pessoas dentro e a partir do contexto urbano. Pessoas que, encarnadas e inculturadas, são capazes de discernir os sinais de Deus na vida cotidiana. Pessoas que adquiram uma inteligibilidade do fenômeno urbano e da fé cristã e são capazes de conjugar sua experiência religiosa com os desafios metropolitanos. Pessoas que, vivenciando sua fé, têm clareza acerca da direção e do sentido de sua atuação. Uma vivência que confere e constrói uma nova identidade de sujeito em meio a tantas reificações.

As vocações surgidas no contexto metropolitano enveredam seguidamente para propostas religiosas mais intimistas, a não ser que tenham tido

antes ou durante a sua formação, uma experiência e/ou contatos com movimentos político-sociais. Tem-se por isso o confronto com os setores que buscam uma maior inserção crítica (eventualmente por causa de suas origens rurais). Para evitar exclusões ou paralelismos, é salutar o intercâmbio de experiências em que os "extremos" têm a oportunidade de partilhar suas vivências. As chaves de leitura bíblica que estas tendências manejam não são a princípio antagônicas. O testemunho evangélico nas metrópole comporta tanto a perspectiva profética, ancorada numa visão mais sócio-econômico-política, quanto a perspectiva antropológica que enfatiza os aspectos sócio-culturais. Mesmo assim um dado não pode ser ignorado: a presença dos/as excluídos, dos pobres, dos sofrendores, dos desesperados por causa do processo urbanizatório. Esta presença constrange os cristãos e constituem-se numa constante interpelação evangélica.

Os pobres, vistos não somente como objetos de caridade, mas como sujeitos capazes de protagonizar a renovação tanto das comunidades cristãs quanto da sociedade como um todo, definem e redefinem todo e qualquer planejamento pastoral e planejamento urbano. No atual quadro político e na atual conjuntura econômica percebe-se que os excluídos, que se situam nas margens e nas franjas sociais do "circuito inferior" (Milton Santos), representam a voz profética con-

temporânea e a possibilidade de toda a sociedade buscar novos modelos de convivência política nas metrópoles. Neste sentido existe algo de novo debaixo do sol que precisa ser considerado pela teologia e pela pastoral. Trata-se do denominado Terceiro Setor, representado por todas as organizações e instituições prestadoras de serviço que não possuem fins lucrativos.

Após anos de denúncias, protestos, atos públicos, abaixo-assinados, artigos e reportagens expressando os clamores do povo espoliado e sofrido, acontecem movimentações nos setores médios da população que atentam para a necessidade de superar as gritantes desigualdades sociais e estabelecer novos padrões de relação social. A implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, enquanto ferramenta de trabalho no nível jurídico, e as iniciativas de inúmeras Organizações Não-Governamentais de promover e incentivar projetos de produção e de consumo entre os excluídos, são uma pequena amostra de que as manifestações cheias de indignação ética encontraram eco na sociedade. Trata-se ainda de um movimento novo, difícil de ser assimilado pelos setores que, historicamente, estão comprometidos com os movimentos sociais clássicos (sindicatos, associações, etc.). Este modelo, marcado pelo puro e simples denunciamento, caducou. Vive-se num momento em que se esperam propostas viáveis para enfrentar os grandes problemas das metrópoles.

As igrejas, presentes na sociedade civil com os seus trabalhos sociais e diaconais, deveriam atentar para esta novidade e saudá-la como sinal de que, afinal, muitos setores sociais não ficam mais indiferentes frente à dor e ao sofrimento de milhões de pessoas. Uma das tarefas da missão urbana consiste, precisamente, em dar impulsos na formação da cidadania. Longe de substituírem, simplesmente, o Estado, as formas "baratas" de trabalhos diaconais e sociais, ao promoverem a cidadania, fazem com que ele (o Estado) seja colocado em função da sociedade civil<sup>7</sup>.

A indignação ética de setores médios da sociedade, em virtude da enorme visibilidade dos problemas sociais, conjugada com emergência de novas organizações e iniciativas da sociedade civil, possibilita uma nova abordagem e uma nova pastoral voltada para a classe média. Nesta área, podem ser construídas pontes de diálogo em função de um testemunho público de fé cristã.<sup>8</sup> Não pode ser ignorado que a classe média é \*multifacetada mas, mesmo assim, ela

poderia fornecer elementos intelectuais e organizativos importantes para a atuação pastoral e diaconal. Existem, evidentemente, outras demandas importantes de caráter existencial que merecem uma atenção séria por parte das Igrejas. O aconselhamento pastoral - a *poimênica* - constitui-se em instrumento muito valioso para dar vazão a toda uma série de problemas pessoais e familiares.

Reconhecer que a missão de Deus nas metrópoles não está confi(n)ada, exclusivamente, a esta ou aquela denominação cristã, significa que deve haver uma cooperação entre Igrejas, religiões e organizações da sociedade civil. O ecumenismo no serviço, na proclamação e no testemunho dos valores e princípios norteadores da nova cidade constitui-se num dos maiores desafios nesta virada de milênio<sup>9</sup>. Os diálogos bilaterais entre denominações cristãs, encontros inter-confessionais mais amplos e aproximações inter-religiosas que acontecem em nível das cúpulas, por mais importantes que sejam, ainda são insuficientes. É desejável e imperioso que

<sup>7</sup> Oneide BOBSIN. *Missão Urbana num Contexto de Colapso da Modernidade. Notas Sócio-Antropológicas Introdutórias*. In: **II Consulta Luterana Latino-Americana sobre Missão Urbana**, Porto Alegre 1993, p. 6, mimeografado.

<sup>8</sup> Clodovis BOFF. *Desafios Atuais da Pastoral Popular*. In: **Tempo e Presença**, nº 132, jul., Rio de Janeiro 1988, p. 32.

<sup>9</sup> *O SONHO Ecumênico: Prefácio ao Novo Milênio. Memória da 1ª Jornada Ecumênica*. Rio de Janeiro, **Koinonia Presença Ecumênica e Serviço**, 1995.

aconteçam aproximações em experiências e iniciativas concretas, envolvendo todo o povo de Deus. Seminários, estudos, institutos de pesquisa, encontros para partilhar experiências e pastorais específicas são urgentes<sup>10</sup>. Todo este movimento não pode ignorar o valor e a importância do testemunho público com atos ecumênicos, notas, manifestos que sejam sinal da busca pela unidade e, também gesto e proclamação de inconformidade para com a injustiça reinante na sociedade<sup>11</sup>.

As propostas até aqui levantadas refletem mais desejo do que realidade. Na verdade o que se experimenta, hoje, nas comunidades das Igrejas tradicionais são dois tipos de pastoral. Uma poderia ser denominada *pastoral de massas*, ou seja, aquela ação que acontece no nível da comunidade/paróquia que procura atender às necessidades religiosas dos membros

(ou não) - ofícios, sacramentos, cultos, etc. São aquelas atividades que, oferecidas, solicitadas e/ou requeridas, não levam necessariamente e forçosamente a uma vida comunitária e também não propiciam o exercício do sacerdócio universal dos cristãos. São, em geral, dispersivas e centralizadas na figura do(a) pastor(a). A outra poderia ser chamada *pastoral de minorias*, ou seja, aquela ação que se volta para a reunião de membros motivados para um compromisso em nível interno e externo da comunidade. São aquelas atividades que se voltam para a formação de lideranças nas comunidades e as compromete com a vida comunitária (educação, lazer, celebração, administração, etc.) e para além do espaço da comunidade (movimentos ecumênicos, sociais, políticos, na cidade/sociedade, etc).

Estes dois níveis de atuação não são excludentes mas, ao contrário, se complementam. Um plano de pasto-

ral seria uma visão de conjunto que pudesse contemplar os diversos níveis e setores de atuação da Igreja (incluindo aí as parcerias ecumênicas no sentido amplo do termo) no âmbito da cidade. Um plano que tivesse claro a inter-relação entre estes níveis, as metas e os meios para atingi-las. A partir de um plano desses poder-se-ia formular uma política de pessoal e de recursos.

A realidade das estruturas eclesiológicas e as necessidades de mudança poderiam ser assim resumidas:

"(...) superar o esquema paroquial (transformar a paróquia em rede de comunidades e centro articulador de serviços); investir na pastoral de conjunto; fazer uma nova leitura da cidade para, a partir daí, repensar a ação da Igreja; fortalecer o diálogo dentro do presbitério e entre os presbíteros e os leigos; fazer do diálogo pastoral o cerne da nova pedagogia pastoral; criar condições para o protagonismo dos leigos; encarar a cidade como um todo e participar, efetivamente, da vida da cidade para não se esclerosar; valorizar a Igreja como 'vivência' e 'serviço', encontrar um equilíbrio entre leigos a serviço da comunidade e leigos presentes no mundo; superar o

eclesiocentrismo, colocando a Igreja a serviço da construção de uma nova sociedade; enfatizar a dimensão missionária da Igreja e o diálogo religioso; desenvolver a pastoral de acolhimento; pensar o caminho (processo) em termos de experiência do Reino, não só a meta; valorizar as culturas e inculturar o Evangelho; utilizar mais e melhor os meios de comunicação social; ser capaz de ouvir; valorizar o relacionamento interpessoal; priorizar a pastoral da juventude; repensar as nomeações (...) e as ordenações (...)"<sup>12</sup>.

Todos estes desafios têm uma íntima relação com a formação de uma nova mentalidade por parte das lideranças pastorais. O atual modelo de presbítero e pastor/a carece de reformulação. Espera-se por parte das pessoas das metrópoles espaços e oportunidades de uma experiência religiosa e não o simples acompanhamento de uma rotina religiosa. Espera-se que os(as) líderes falem de Deus a partir de sua experiência, a partir da vida, e não "burocraticamente" a partir da instituição e seus dogmas. Deseja-se um pastor e não um funcionário eclesiológico.

<sup>10</sup> Acontecem algumas iniciativas: Curso de Verão do CESEP em São Paulo, Encontros e Seminários do MOFIC em São Paulo, Grupo de Estudos sobre Pastoral Urbana na Grande Porto Alegre. Ver: Werner FUCHS e Cyzo Assis LIMA. *Pastoral Urbana: Evangelho sem Redutos*. In: **Estudos Teológicos**, ano 36, nº 2, São Leopoldo 1996, p. 155-164.

<sup>11</sup> "Cooperação com outras Igrejas é a demonstração da unidade da Igreja. Cooperação com organizações seculares e com outras crenças é a demonstração de solidariedade com a comunidade humana especialmente no serviço e na defesa da justiça." **Urban Ministry Lutheran World Federation/Church Cooperation Committee**, 1986, p. 3, mimeografado. É contraditória a discussão acerca da conveniência ou não de o povo de Deus buscar maior visibilidade na cidade. Alguns preconizam, unicamente, a visibilidade do serviço, quase o anonimato. Ver: Samuel ESCOBAR. *Formación del Pueblo de Dios en las Grandes Urbes*. In: **Boletín Teológico**. Fraternidad Teológica Latino-Americana, nº 7, jul/set. 1982, p. 77s.

<sup>12</sup> Antonio José de ALMEIDA. O Presbítero no Processo de Urbanização (*Crônica Teológico-Pastoral*). In: **Vida Pastoral**, jul/ago., Paulus, São Paulo 1994, p. 29. *Note-se que a palavra presbitério no contexto luterano significa o conjunto de lideranças que dirigem a Paróquia (incluindo o Pastor). Já o Padre é o ministro ordenado (presbítero católico).*

Diante da complexidade e amplitude dos problemas, torna-se fundamental que a atividade pastoral seja colegiada. A formação de equipes bem como a presença e o acompanhamento de lideranças supra-paroquiais precisa assumir um caráter sinodal<sup>13</sup> em que a diversidade de experiências e de propostas pastorais seja respeitada. As terminologias podem variar, mas um novo estilo pastoral precisa ser adotado. Velhas terminologias muitas vezes não conseguem expressar a novidade que se quer implementar<sup>14</sup>.

Por isso, é fundamental ter clareza acerca do fato de que não existe um vazio religioso e que não existe pastoral que trabalha com *tabularasa*. Torna-se imperioso o aprimoramento dos canais de escuta e de comunicação por parte de lideranças e pastores(as). A falta de sintonia para

com o que vai no coração do povo leva ao “estupro” pastoral. As melhores intenções se perdem no vazio ou encontram resistências. Neste sentido, é fundamental o desenvolvimento de uma postura acolhedora e respeitosa num contexto marcado pelo utilitarismo e exploração da boa fé das pessoas.

A transformação dos atuais espaços comunitários em verdadeiros espaços de gratuidade representa um enorme desafio para as pessoas massacradas pela produtividade e concorrência que caracteriza seu cotidiano. A dinamização dos grêmios diretivos e dos grupos de atuação existentes hoje, com a consciência de que são responsáveis pelo fomento de comunidade e promoção da esperança, constituem-se em tarefa inadiável. Neste processo, a tradição e o novo preci-

sarão conviver e, desta convivência, resultará uma nova síntese comunitária<sup>15</sup>.

Essa mudança de enfoque repercute na *pastoral apologética* que tem caracterizado, majoritariamente, a atuação da Igreja. Esta pastoral preocupa-se com a não submersão institucional por causa da sua pouca produção. Ela procura resgatar a credibilidade da Igreja por causa dos ataques desferidos ao cristianismo e à instituição. Estes ataques são de natureza política (movimentos sociais e políticos de “esquerda”) e religiosa (Novos Movimentos Religiosos).

Esta pastoral centra-se no próprio umbigo, tornando-se auto-justificadora/auto-referenciadora. No seu lugar precisa surgir uma *pastoral evangelizadora* que procure ser sobretudo afirmativa da boa notícia da graça e do amor de Deus ao mundo, à sociedade. A afirmação evangélica promove

esperança individual e coletiva, pois está voltada para fora. Afirma os valores da nova Jerusalém em manifestos, atos públicos/ecumênicos e se engaja em movimentos de solidariedade. Entende-se testemunhadora e possui um caráter diaconal (de serviço). É sensível à interpelação do outro, é dialógica e, por isso, dispensa o autoritarismo e a imposição. Antes, vive uma humildade ativa e corajosa<sup>16</sup>. No reconhecimento da alteridade e da diversidade procura seguir o sopro do Espírito.

Para esta nova postura poder acontecer são necessárias reciclagens pastorais que estejam concatenadas com atividades pastorais voltadas para uma presença evangélica nas metrópoles. Agora, estas reciclagens poderiam ter um caráter ecumênico. Porque cada denominação cristã precisa fazer o seu próprio caminho sozinho? Por que acertar e errar isoladamen-

<sup>13</sup>A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil está adotando, a partir de seu último Concílio Geral, a terminologia “sínodo” para denominar as unidades organizativas da Igreja nacional (antigas regiões eclesiais - o equivalente à diocese na Igreja Católica). O Sínodo terá ampla liberdade e autonomia, cabendo-lhe planejar e dinamizar o trabalho eclesial em sua área. Provavelmente, Rio de Janeiro e São Paulo constituirão um Sínodo.

<sup>14</sup>Veja texto polêmico: Rolf SCHÜNEMANN. **Algumas reflexões soltas acerca do uso ou não da terminologia bispo na IECLB**. Centro de Elaboração e Divulgação de Material da União Paroquial de São Paulo, março, São Paulo 1996. Espera-se que em termos funcionais haja um “pastor dos pastores” (na linguagem luterana). Em termos católicos “(...) que o bispo faça comunidade com seu presbitério”. Angélico Sândalo BERNARDINO. *O Bispo na Pastoral Urbana*. In: **Vida Pastoral**, ano XXXI, nº 153, jul/ago, Paulinas, São Paulo, 1990, p. 17.

<sup>15</sup>“Devemos, portanto, partir da tradição sem nos prendermos a ela. Tal postura exige paciência, mas é extremamente necessária. Parece ter sido sempre mais fácil se apegar à tradição ou buscar o alternativo. Para quem trabalha nas comunidades tradicionais da IECLB, sugerimos uma postura que confronta de forma dialética a tradição e o novo.” Oneide BOBSIN. *Reflexões sobre a Comunidade Religiosa no Contexto da Urbanização. Um Estudo de Caso*. In: **Desafios Urbanos à Igreja...**, p. 59

<sup>16</sup>Renold BLANK. *Desafios da Evangelização num Mundo Eletrônico e Urbano*. In: **Vida Pastoral**, ano XXXI, jul./ago., nº 153, Paulinas, São Paulo 1990, p. 11, afirma que as convicções e certezas dos cristãos acerca da vida e da esperança nas e das cidades passa pela proclamação e vivência dessas certezas e convicções. “Para sair dos círculos fechados daqueles poucos que já praticam sua fé, para entrar nos ouvidos da imensa massa daqueles cuja fonte de respostas é o mercado eletrolizado das opiniões multiformes, devemos responder aos anseios mais profundos deles de maneira nova”.

te? Um dos fatores que pode contribuir neste sentido é a animosidade e a perplexidade de todos. A saudável indignação de quem busca caminhos novos pode aproximar membros de diferentes famílias confessionais. A unificação da linguagem pode ser difícil, pois existem expectativas e alvos diferentes. Mas, mesmo assim, na partilha, descobrir-se-ão semelhanças nas ênfases pastorais que poderiam ser aprofundadas com vistas a uma atuação conjunta ou separada, mas sintonizada no mesmo Espírito.

Agora, para que isto aconteça, torna-se urgente a remoção das tendências confessionalizantes que vicejam, destemperadamente, nos últimos tempos. Não se trata de suprimir as especificidades institucionais, mas sim de afirmar a verdade evangélica, tão comprometida por causa das divisões históricas. Afinal, a realidade em que estão inseridas as igrejas, continua criando suas vítimas, e o separatismo representa o cultivo de um luxo que ofende aos céus. O isolacionismo enfraquece, dispersa esforços, aleija quem caminha.

O ecumenismo tem um papel importante para a formação da cidade subjetiva<sup>17</sup>, ou seja, a promoção dos valores e princípios que pautem novas relações entre os seres humanos e destes com a natureza. O futuro da humanidade passa pelo estabelecimento de um novo modelo de civilização. É inegável o papel que valores e princípios exercem na configuração do espaço. A ação/imaginação, dimensão material/dimensão simbólica e produção/reprodução se inter-relacionam e estruturam o espaço<sup>18</sup>. Por isso, seres humanos novos e estruturas novas se requerem mutuamente. A nova Jerusalém *inspira e conspira* em função de novas relações e nova vida, aponta para a supressão do religioso e do sagrado a fim de afirmar a presença do santo, de Deus mesmo entre os seres humanos e sua criação<sup>19</sup>.

Por isso as Igrejas cristãs, juntamente com todas as pessoas e grupos que participam da missão de Deus de “construir” a nova Jerusalém, são chamados a *inverter* prioridades, a *converter* para novos caminhos e a *perverter*, com novos valores, a metrópole contemporânea. Não se *acomodar* no pessimismo de quem

considera a cidade um mal necessário, mas *incomodar* com a proclamação do sonho. O sonho de fazer da cidade um bem de uso e não um bem de troca, suplantando todas as reificações. O sonho que muitos abandonaram por causa dos fracassos e por causa das dificuldades de “manejar” o ser humano e adaptá-lo a planos e projetos de gabinetes e escritórios. Todo o saber acumulado tem razão e sentido quando partilhado no diálogo com os seres humanos (fim último da ciência).

“Eu sei que muitos não querem aceitar esta confiança e esta esperança. E creio que não a aceitam porque nós mesmos temos dúvidas e ceticismo. Podemos agüentar esta grande esperança, ou ficaremos no meio do caminho? Quem sabe se as promessas de Deus são confiáveis? Existe uma infinidade de argumentos contra nossos sonhos, numerosos cálculos, uma quantidade de números:

milhares de mortos, feridos e vítimas. Se alguma vez o mundo foi levado avante, jamais o foi pelos chamados realistas, calculadores ou estatísticos. Não foram antes os sonhadores que abriram o futuro, que abriram um novo círculo de vida? A nova cidade, ou pelo menos um reflexo desta cidade, não nasce de cálculos e estatísticas, mas sim *‘de sonhos, de esperanças, de visões, de planos aventureiros, de idéias extravagantes, de curiosidade e impaciência, de fantasia e de experimentos arriscados’* (Ernst Lange)”<sup>20</sup>.

Palestra proferida na V Semana Teológica Ecumênica: *Missão e cidadania – a caminho do Reino* (6 a 10 de outubro de 1997) pelo Rev. Pastor Rolf Schunemann da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil  
Endereço do autor: Rua Siqueira Campos, 985, Ap. 91, Santo André, SP.

<sup>17</sup> Felix GUATTARI. *Restauração da Cidade Subjetiva*. In: **Caosmose...** p. 167-178.

<sup>18</sup> Frederico de HOLANDA. *Arquitetura como Estruturação Social*. In: Ricardo L. FARRET, (Org.). **O Espaço Urbano. Contribuição à Análise Urbana**. Projeto, São Paulo 1985, p. 115-141. O autor mostra como valores sócio-culturais distintos dão origem a configurações espaciais igualmente distintas.

<sup>19</sup> Jean-Bernhard RACINE. *L'utopie urbaine: du sacré à la sainteté*. in: **Les cahiers protestants**, Février, n° 1, Lausanne 1990, p. 5-15.

<sup>20</sup> Wolfgang STORCH. *Apocalipsis 21. 1-6*. In: **Taller sobre Mision y Evangelización. Mision Urbana**, Porto Alegre, 1987, p. 89.